

CENAS DA CULTURA DO SERTÃO GOIANO EM *NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO CORUMBÁ* DE BERNARDO ÉLIS

SCENES FROM THE CULTURE OF THE BACKLANDS OF GOIÁS IN *NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO CORUMBÁ* BY BERNARDO ÉLIS

Eliane Aparecida Soares da Costa
Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina
eli_pontal@hotmail.com

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG)
ricardo.goncalves@ueg.br

Mônica Maria dos Santos
Professora do curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS/CUA), da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)
monica.santos@ufmt.br

Resumo: A cultura é uma tecitura de múltiplos fios e de detalhes sutis que configuram os agrupamentos humanos possibilitando expressões que contemplam, simultaneamente o individual e a experiência humana coletiva. Sua manifestação alcança as formas de falar, as maneiras de preparar os alimentos, os papéis sociais estabelecidos para homens, mulheres, adultos, velhos e crianças, representações da fé e da arte, em especial a literatura. O texto literário é potente divulgador das formas culturais por possibilitar que gerações contemporâneas e futuras acessem expressões diversas. Cuidadoso observador da região onde nasceu, o escritor goiano Bernardo Élis registra em suas obras literárias inúmeros aspectos da cultura do sertão de Goiás e do sertanejo que o habita. O objetivo desta pesquisa se concentrou em destacar as questões culturais presentes no conto bernardino *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* a partir de conceitos e reflexões propostas por autores como Bosi (1992); Bauman (2012); Laraia (2001) e Hall (2006). A metodologia aplicada consistirá numa revisão bibliográfica dos autores citados e na análise literária do conto à luz dessa bibliografia.

Palavras-chave: Cultura. Literatura goiana. Bernardo Élis.

Abstract: Culture is a weaving of multiple threads and subtle details that configure human groupings, enabling expressions that simultaneously contemplate the individual and the collective human experience. Its manifestation reaches the ways of speaking, the ways of preparing food, the social roles established for men, women, adults, the elderly and children, representations of faith and art, especially literature. The literary text is a powerful disseminator of cultural forms by enabling contemporary and future generations to access diverse expressions. A careful observer of the region where he was born, the Goiás writer Bernardo Élis records in his literary works numerous aspects of the culture of the backlands of Goiás and the backcountry people who inhabit it. The objective of this research focused on highlighting the cultural issues present in the bernardino tale *Nhola dos Anjos and the flood of Corumbá* [Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá] from concepts and reflections proposed by authors such as Bosi (1992); Bauman (2012); Laraia (2001) and Hall (2006). The methodology applied will consist of a bibliographic review of the cited authors and a literary analysis of the short story in the light of this bibliography.

Keywords: Culture. Goiás Literature. Bernardo Élis.

Introdução

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, escritor goiano, nasceu em Corumbá de Goiás - GO, em 15 de novembro de 1915, e faleceu no dia 30 de novembro de 1997, na mesma cidade¹. Autor de poemas, contos e romances, o escritor devotou sua carreira literária em retratar a luta e a resistência da população interiorana do Planalto Central frente ao autoritarismo, exploração da mão-de-obra e opressões praticadas pelos coronéis latifundiários dos cerrados do estado, assim como os dilemas vividos entre homem X natureza na batalha pela sobrevivência.

Ao compor a história da população sertaneja do interior do estado de Goiás, Bernardo Élis ao mesmo tempo que conta a vida de penúria, de renúncias, as lutas diárias, o jugo imposto pelos fazendeiros ao sertanejo do Cerrado goiano, também relata os costumes e valores arraigados no jeito de ser e viver dessa população, os quais somados constituem a identidade cultural desse grupo social.

A fim de compreender essa afirmação faz-se necessário depreender o conceito de cultura e suas implicações na formação dos grupos sociais narrados como personagens da obra de Bernardo Élis. O tema é polêmico, sendo amplamente discutido por antropólogos e sociólogos, que buscam melhor conceber a atuação do homem na sociedade e os fatores que implicam nas diferenças detectadas entre um grupo social e outro.

Roque Laraia, afirma ser a cultura o elemento que “difere o homem dos outros animais” (LARAIA, 2001, p. 14), mas o mesmo o estudioso pondera “que uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana” (LARAIA, 2001, p. 34). Assim, essa pesquisa se embasará nos estudos de autores como Roque Laraia, Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Ademais, destaca-se a interlocução com a obra do crítico literário Alfredo Bosi. A partir desses autores buscou-se depreender o significado do termo cultura, bem como suas imbricações na formação da identidade cultural dos camponeses goianos através do conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, de Bernardo Élis.

¹ Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/bernardo-elis/biografia>>. Acesso em 14/12/2020.

Building the way

Os resultados apresentados neste artigo estão divididos em dois tópicos, as considerações finais e esta introdução. No primeiro momento, apresenta-se uma síntese do fundamento teórico que embasa a compreensão da cultura e sua relação com a interpretação do conto de Bernardo Élis. No segundo tópico concentra-se na interpretação do conto Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá. Finalmente, nas considerações finais destaca-se a síntese dos principais resultados e defende-se a importância da obra de Bernardo Élis como fonte primordial para a compreensão da formação social e econômica de Goiás.

56

A cultura como fundamento da formação social de Goiás e da obra de Bernardo Élis

Ao longo dos séculos, muitos estudiosos vêm se debruçando sobre a composição de um conceito consensual acerca do termo cultura, por constatarem ser ele um elemento unificador e diferenciador dos diferentes grupos humanos, bem como o sustentáculo fundamental da perpetuação das normas de convivência e valores criados por essas comunidades.

Segundo Laraia (2001), o que leva o ser humano a ter primazia sobre os outros animais é a sua capacidade de pensar e organizar-se em grupos e neles constituir uma estrutura sistemática de vida. Contudo, cada grupo possui uma organização própria das funções básicas e essenciais a sobrevivência como: os modos de obter e preparar os alimentos, a maneira de repousar e a atividade sexual, a divisão e técnicas de trabalho, as formas de entretenimento, as crenças etc. O antropólogo atesta que: “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2001, p. 24).

Com base no enxerto é possível verificar que a cultura é o produto resultante da interação social entre os pares, que juntos, em uma atividade sincronizada vão aperfeiçoando e reproduzido os conhecimentos e aprendizagens adquiridos de seus antepassados, sempre e continuamente, gerando desse processo as regras de convivência e os procedimentos que conduzem o grupo e garantem sua manutenção e sustentação ao longo da existência.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman corrobora com a visão e posicionamento de Laraia, adicionando um outro aspecto às ponderações realizadas

Building the way

por este: a cultura é um elemento constitutivo da identidade do sujeito e do grupo a que ele pertence.

[...] é o posto de abastecimento do sistema social; ao penetrar nos “sistemas de personalidade”, no curso dos esforços de manutenção de padrões (ou seja, sendo “internalizada” no processo de “socialização”), ela garante a “identidade consigo mesmo” do sistema ao longo do tempo – “mantém a sociedade funcionando” em sua forma distintamente reconhecível” (BAUMAN, 2012, p. 17)

57

Dessa forma, a cultura pode ser entendida como um componente imprescindível na formação do sujeito, à medida que confere a ele uma identidade pessoal e coletiva, que o leva ao reconhecimento de si mesmo enquanto pessoa e membro de uma dada comunidade, do outro e do corpo social que com ele comunga os mesmos costumes, valores e crenças. Assim, “a identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006, p. 12).

Alfredo Bosi, na obra *Dialética da Colonização*, aprofunda as reflexões propostas pelos teóricos acima citados, ao distinguir dois grandes grupos culturais no Brasil:

[...] **cultura erudita brasileira**, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma **cultura popular**, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna (BOSI, 1992, p. 309, grifo nosso)

A interpretação de Bosi contribui para apreendermos a cultura a partir da formação econômica e social brasileira a partir das diferenças regionais e da classe trabalhadora. Sendo assim, Bernardo Élis, conhecedor dos aspectos pontuados pelos estudiosos, buscou através de suas obras apresentar uma parcela da denominada cultura popular, o sertanejo do interior do Planalto Central. Uma população sofrida e oprimida pela classe dominante, mas que carrega consigo a história e a tradição do povo goiano, com seus costumes, valores, ensinamentos, religiosidade e encantamentos, como poderá ser constado na análise do conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*.

Traços culturais em Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá

O conto Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá é uma belíssima amostra da maestria do escritor goiano em contar as histórias de enfrentamento e resistência do sertanejo que vive às margens do rio Corumbá que, ano a ano, além de conviver com os constantes abusos cometidos pelos donos de terras, experiencia a força exercida pela natureza na vida dessa população.

No conto, a ação da natureza é configurada pelo movimento de cheia e de vazante do rio nas proximidades onde a moradia precária (rancho) da família está localizada. Movimento que metaforiza a resistência e a vulnerabilidade do sertanejo esquecido nos interiores do país.

O enredo do conto narra a saga e o trágico desfecho da família dos Anjos, que há “mais de oitenta anos moravam ali na foz do Capivari no Corumbá” (ÉLIS, 2000, p. 01). A família do Anjos era composta por três membros: Nhola, a matriarca da família, uma senhora idosa e deficiente das pernas, Quelemente (Clemente), viúvo que vivia com a mãe e o menino, que é filho de Quelemente.

Nhola e o esposo vieram de Minas Gerais e naquele pedaço de terra se estabeleceram com objetivo de se dedicar à criação de gado, “pois a formação geográfica construía um excelente apartador” (ÉLIS, 2000, p. 02). Todavia, contrariando as expectativas da família, o lugar não se mostrou próspero à atividade e quando o marido faleceu, acometido pela malária, o número de cabeças no Cerrado já era muito pequeno, sendo extinta nos anos seguintes.

A vinda da família dos Anjos de Minas Gerais para o interior de Goiás representa traços da colonização brasileira marcada por ciclos de diásporas internas na busca por melhores condições de vida. Esse movimento dentro do país, muitas vezes, é caracterizado por frustrações, pois, quase sempre, as condições esperadas para a melhora de vida na nova morada não são confirmadas. Além disso, doenças típicas da nova região interferem no plano inicial das famílias por provocarem a morte e/ou a invalidez de seus membros e impedirem a volta para o lugar de origem e/ou uma nova diáspora.

[...] O gado, porém, quando o velho morreu, já estava quase extinto pelas ervas daninhas. Daí para cá foi a decadência. No lugar da casa

de telhas, que ruiu, ergueram um rancho de palhas. **A erva se incumbiu de arrasar o resto do gado e as febres as pessoas.** (ÉLIS, 2000, p. 02, grifo nosso)

Esse movimento populacional é responsável pela rica dinâmica de troca cultural. Com a mudança de espaço geográfico as famílias levam na bagagem aspectos da cultura de origem e, assimilam aspectos da cultura local para garantir a sobrevivência no novo território. Nesse curso da vida as culturas passam por transformações constantes e paradoxalmente, a depender do isolamento em que vivem, a cultura limita e aprisiona o comportamento do grupo sendo identificação, mas também uma espécie de prisão que Élis nos apresenta na estratégica escolha de três gerações no enredo.

Nhola, Quelemente e seu neto representam o passado o presente e o futuro presos numa cultura que os manteve tempo demais num local de perigo das cheias do Corumbá, precarização da vida e humilhação pelas condições de moradia, alimentação e trabalho. É uma situação de precarização da vida que se repete no curso dos anos sem possibilidades concretas de mudanças. Os anos e as gerações das famílias passam sem que a vida, o trabalho, a moradia, a alimentação, os riscos e as doenças de sujeitos empobrecidos e humilhados sejam transformados. “[...] - Este ano, se Deus ajudá, nós se muda.” Há quarenta anos a velha Nhola vinha ouvindo aquela conversa fiada. A princípio fora seu marido [...] Depois era o filho que falava assim, mas nunca se mudara. (ÉLIS, 2000).

Apesar do fracasso com a atividade bovina, a família persistiu em permanecer no lugar, em um crescente e irreversível estágio de decadência, que resulta na degradante condição de vida experienciada pelos membros da família nos últimos dias de vida.

A trama se desenvolve em uma noite de chuva intensa, que ocasiona a queda do rancho de pau-a-pique no qual moravam as personagens. Esse fato desastroso lança-os em um turbilhão de sucessivos acontecimentos e desencontros que desemboca na fatídica morte de cada um deles.

Élis, à medida que tece a narrativa, vai compondo o quadro de miséria e abandono vivenciado por essas personagens, mas também a riqueza da linguagem, costumes e valores transmitidos por essas comunidades e, como visto anteriormente, denominados elementos culturais.

Building the way

Bosi pontua que [...] “No caso da cultura popular, não há uma separação entre uma esfera puramente material da existência e uma esfera espiritual ou simbólica. Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a habitação, as relações de parentesco, as crenças [...]” (BOSI, 1992, p. 324).

Com base nessa afirmação de Bosi, encontramos já na primeira oração do conto a força da representação do simbólico na vida do sertanejo: “— Fio, fais um zoio de boi lá fora pra nós” (ÉLIS, 2000, p. 01), simpatia feita em dias chuvosos, pedindo ao sol que venha com sua luz e calor, fazendo com que a chuva se dissipe. Ainda, a religiosidade que se assenta a fé no transcendente e a confiança na sua proteção e amparo da providência divina: “— Nossa Senhora d’Abadia do Muquém! — Meu Divino Padre Eterno!” (ÉLIS, 2000, p. 03). As invocações de Nhola, no tempo da angústia e aflição, são crenças e práticas comuns na vida da população simples e humilde do solo goiano.

Laraia, citando os estudos de Leslie White, antropólogo norte-americano, pontua que:

[...] Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano [...]. (2001, p. 58, *apud* WHITE, 1955, p. 180).

Nhola e o neto, apesar da diferença etária, comungam da crença da simbologia ritualística de desenhar o “zoio de boi” como pedido para o cessar da chuva. Isso permite entender que por menor que seja o grupo humano que ocupa o lugar, seus conhecimentos serão sempre compartilhados.

Outro aspecto cultural que salta aos olhos na leitura e análise do conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* é a linguagem empregada pelas personagens da trama, linguagem essa rica em forma e significado, que particulariza o registro linguístico desse grupo social: “— Chi, tá um mar d’água! Qué vê, espia,” (ÉLIS, 2000, p. 01), “— Mãe, o vau tá que tá sumino a gente. Este ano mesmo, se Deus ajudá, nós se muda” (ÉLIS, 2000, p. 01), “— Ocê bota a gente hoje em riba do jirau, viu? — pediu ela ao filho. — Com essa chuveira de dilúvio, tudo quanto é mundice entra pro rancho e eu num quero drumi no chão não” (ÉLIS, 2000, p. 03), “— Cá, nego, cá, nego” (ÉLIS, 2000, p. 03).

Building the way

Elis, ainda, registra o apego e dependência à instituição familiar pelo personagem Quelemente, que ao longo de sua vida, mesmo com o casamento e filho, posteriormente, a viuvez não constitui sua própria família, permanecendo na casa materna até a morte.

O autor evidencia ao longo da urdidura narrativa o tipo de habitação, hábitos alimentares, os utensílios domésticos e a forma de se vestir do homem do serrado goiano: “uma parede do rancho começou a desmoronar. Os torrões de barro do pau-a-pique se desprendiam dos amarrilhos de embiras” (ÉLIS, 2000, p. 03); “A velha trouxe-lhe um prato de folha e ele começou a tirar, com a colher de pau, o feijão quente da panela de barro. Era um feijão brancacento, cascudo, cozido sem gordura. Derrubou farinha de mandioca em cima”, (ÉLIS, 2000, p. 03); “— tirou a camisa molhada do corpo e se agachou na beira da fornalha. [...] Onde ele se agachou, estava agora uma lagoa, da água escorrida da calça de algodão grosso” (ÉLIS, 2000, p. 03).

Elis compõe com pericia a identidade cultural do sertanejo goiano, evidenciando, como foi possível constatar, as miudezas que vai se ajuntando e traçando um retrato fiel e perfeito, uma identidade firmada por características e vivências do sujeito que compõe esse grupo. Evidência ratificada por Bauman: “A cultura é de fato um sistema fechado de características que distingue uma comunidade de outra” (BAUMAN, 2012, p. 98).

Todavia, o escritor goiano não se detém só nos fatos externos da cultura do camponês goiano, suas narrativas, também denunciam os preconceitos culturais a que são subordinados os moradores do cerrado do estado, como aquele experienciado por Nhola, uma senhora idosa e deficiente, que aos olhos da sociedade capitalista, ao deixar de ser útil à sociedade, perde seu valor como pessoa: “A velha voltou para dentro, arrastando-se pelo chão, feito um cachorro, cadela, aliás: **era entrevada**” (ÉLIS, 2000, p. 01, grifo nosso); “A mãe, se tivesse pernas vivas, certamente teria tomado pé, estaria salva. **Suas pernas**, entretanto, **eram uns molambos** sem governo, **um estorvo**” (ELIS, 2000, p. 05, grifo nosso).

Dando continuidade à narrativa, Elis narra o clímax do conto, um momento de intensa tensão, que resulta em uma atitude desesperada e extremada de Quelemente:

Quelemente notou que aquele esforço da velha estava fazendo a embarcação perder a estabilidade. Ela já estava quase abaixo das

águas. A velha não podia subir. Não podia. Era a morte que chegava, abraçando Quelemente com o manto líquido das águas sem fim. [...] Matando seu filho, que era perrengue e estava grudado nele (ELIS, 2000, p. 05).

62

A noite mergulhada em meio a intensa tempestade, a força da correnteza, o medo da premente assassina das almas e a incerteza do que viria pela frente, colocaram o filho de Nhola diante de um grande dilema: a jangada já não suportava os três tripulantes, um teria que ser sacrificado em prol da vida dos demais. Quelemente não teve dúvidas da vítima a ser oferecida pela salvação dos outros: Nhola, a mãe idosa e deficiente, a progenitora, àquela que um dia lhe havia dado a vida:

Quelemente segurou-se bem aos buritis e atirou um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola. Ela afundou-se para tornar a aparecer, presa ainda à borda da jangada, os olhos fuzilando numa expressão de incompreensão e terror espantado. Novo coice melhor aplicado e um tufo d'água espirrou no escuro (ELIS, 2000, p. 05).

Nhola, entre um mergulho e outro, olha atônita para o filho sem compreender a crueldade de suas atitudes. A protagonista, nos últimos momentos de vida se vê diante de um carrasco que não titubeou em empurra-la para o abismo da morte, alguém que até então lhe era tão íntimo e precioso, de quem esperava o zelo e cuidado na velhice.

A atitude de Quelemente é, de fato, estarrecedora, levando-nos a questionar como um filho pode agir de tal maneira com sua mãe? Questão que encontra explicação nas palavras de Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há diferentes identidades contraditórias, empurrando em direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

De fato, ao ver seu filho e a si mesmo ameaçados pela força das águas e da correnteza, o instinto pela sobrevivência falou mais alto, emergindo do interior de Quelemente uma identidade até então desconhecida para sua mãe e, provavelmente, para si mesmo. Como afirma Laraia “[...] Cada um de nós sabe o que fazer em determinadas situações, mas nem todos sabem prever o que fariam nessas situações

Building the way

[...]” (LARAIA, 2001, p. 66). Por um momento, a personagem se esquece dos valores morais e éticos transmitido por seus antepassados e por sua mãe, tomando a dura decisão de preservar a sua vida e a do filho, privando sua genitora do mesmo destino.

Considerações finais

O conto Nholá dos Anjos e a cheia do Corumbá é uma narrativa marcante e envolvente, que suscita no leitor a reflexão e o arrebatamento, bem como um conjunto de interpretações e sensações: encantamento com o falar e os costumes; apreensão, revolta e indignação; pesar e tristeza ante o trágico desfecho. Um verdadeiro mergulho no drama vivenciado pelas personagens Nholá, Quelemente e o neto na luta pela sobrevivência contra os fenômenos naturais; assim como a indignação diante das condições de vida e trabalho degradantes.

Na tessitura narrativa de Élis, as teorias culturais postuladas por Laraia, Bauman, Hall e Bosi, vão se solidificando e concretizando no entrelaçamento com a composição ficcional, atestando por fim, que a cultura é um elemento inerente na constituição da identidade do sertanejo do Planalto Central. Mas, não só, o conto revela a maestria de um narrador que tornou a linguagem uma forma de explicitar a realidade opressiva, degradante e violenta que pendia sobre as famílias pobres do mundo rural goiano.

Mas afinal, que identidade cultural é identificada e disseminada por Bernardo Élis do povo sertanejo goiano? Uma população de origem humilde, acolhedora, trabalhadora, honesta, de falares e costumes emblemáticos do grupo a que pertencem. Um povo que deposita na fé e nos símbolos por ela representados, a esperança da benção e certeza da proteção. Ademais, um povo explorado pela estrutura oligárquica, patriarcal e violenta que compõem os dispositivos de manutenção do poder na formação social e econômica de Goiás. Logo, a literatura de Bernardo Élis é uma literatura na qual a cultura não é representada como mero ornamento. Nela a cultura é representada como expressão de um território também desigual e contraditório.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Building the way

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ÉLIS, Bernardo. Nholá dos Anjos e a cheia do Corumbá. In: MORICONI, Ítalo. *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. São Paulo: Objetiva, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um Conceito Antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.